

## Massacres: perfil de uma Cultura

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

A despeito de ter decidido não ter mais televisão em casa, tipo de volta ao século 19, ontem me deparei com uma tv que ao vivo transmitia pela CNN o último espetáculo de horror da semana. Um massacre de estudantes. E adivinha aonde? Estados Unidos. Na legenda da matéria escrita em inglês não de Shakespeare a seguinte chamada: *perfil de um assassino*, e onde dois especialistas em brutalidades faziam comentários regados pelas cenas repetidas da violência.

A legenda adequada seria essa? Penso que não, pois a mais apropriada é: *perfil de uma cultura*. Crime é uma questão que remete ao sujeito, criminalidade, ao contrário, aponta forçosamente para um desarranjo social. Ou seja, um aluno que tira uma nota baixa é uma coisa, mas quando uma turma inteira anda tirando notas baixas algo de errado acontece com o ensino.

Que esperar dos filhos de uma nação cujo pai político é um assassino? Que esperar dos filhos de uma nação que vem se locupletando de dinheiro até as orelhas com uma indústria e um mercado escancarado e indecente da morte, onde se vendem armas até para crianças? Que esperar dos filhos de uma nação que goza da intolerância aos de credos diferentes, cores diferentes e culturas diferentes? Que esperar dos filhos de uma nação cujos jogos eletrônicos conferem pontos àqueles que estouram cabeças, violentam corpos, atropelam velhinhas, destroem cidades, eliminam animais domésticos e premiam compradores de armas arrasadoras e a formação de gangues? Ou seja, o que esperar dos filhos de uma nação, ou ainda, de uma cultura, da dita cultura americana, onde os bens humanitários estão aos cacos, cuja população dita adulta, anestesiados pela cultura do consumo, aprova a invasão bárbara de outros países onde se financiam massacres em nome dos ideais libertários e democráticos, contanto que o lanche no Mc Donald esteja garantido?

Columbine, Colorado, dois jovens estudantes norte-americanos cheios de ódio e rancor entram na sua própria escola no dia 20 de abril de 1999, armados até os dentes saem disparando contra tudo e todos caracterizando aquilo que seria considerado até então um dos maiores massacres ocorridos numa escola na história dos Estados

Unidos. Saldo: o assassinato de treze colegas e um professor, e, logo após, ambos se suicidam.

Em 2006 um homem entra armado numa escola rural da comunidade amish na Pensilvânia mata três pessoas e fere sete outras antes de cometer suicídio, sendo que na ocasião já era o terceiro incidente deste tipo nos Estados Unidos em menos de uma semana.

16 de abril do corrente um estudante sul coreano, Cho Seung-hui, mata 32 colegas dentro do campus da Universidade Virginia Tech, nos Estados Unidos, para variar. Considerado agora o pior ataque dentro de uma escola da história do país. E, agora, sul coreanos residentes no EUA temem uma onda de preconceito racial. O que certamente, dentro dessa cultura racista, beligerante e doentia, irá ocorrer, assim como, o conhecido “efeito cascata”, onde outros jovens excitados com o morticínio acabam deflagrando ações afins, mesmo que de menor alcance.

Matam e se matam, espécies de homens bombas do fundamentalismo ocidental da ganância e do consumo, terra desesperançada de deuses manufaturados.

Então, volto a questionar. É importante estudar o perfil do assassino da hora ou de uma cultura enfermada que cria todas essas horas assassinas? Cultura competitiva, que separa Winners (vencedores) de losers (perdedores), e que acredita que o terrorismo pode ser combatido com terrorismo. Onde fantoches armados do cinema como um Ronald Reagan ou um Arnold Schwarzenegger tornam-se líderes políticos: *pena de nosotros!* Afinal já temos, em terras brasileiras, jovens mergulhados nessa cultura de exterminadores do presente, como Mateus da Costa Meira, conhecido como ‘atirador do shopping”, que matou num surto violento três pessoas e feriu outras quatro em novembro de 1999, ano do fatídico massacre de Columbine. Efeito Cascata?

O presidente de plantão, um tal de bush com b minúsculo se diz chocado, mas já deixa antever que o porte de armas não será inibido. Evidente.

Meu filho tinha pouco mais de 16 anos e me mostrou um jogo pirateado que o jogador explodia corpos e cabeças espalhando sangue virtual por toda a tela. Disse: meu filho isso é um lixo! O que para felicidade nossa ele acabou por concordar.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA)